

O ouvinte em linha e a interactividade na rádio de público jovem: O programa “Prova Oral” na Antena 3

Paula Cordeiro
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade Técnica de Lisboa

A participação mediada, formato mais comum no panorama da comunicação moderna, contribui para a reconfiguração das relações sociais e de poder, seja pela extensão da intimidade ou pela emergência de novos modelos de sociabilidade, paralelamente ao desenvolvimento de novas formas de isolamento que permitem o estabelecimento de relações sociais com pessoas com quem nunca interagimos de forma directa e não mediada.

A mediação faz-se das mais diversas formas e a interactividade é uma preocupação constante nos diferentes meios e suportes de comunicação. Ao contrário da ideia de que a comunicação sustentada pelas novas tecnologias tende a transformar o público receptor em mero consumidor de informação, muitas são as formas que hoje o público encontra para participar na comunicação mediática.

Ao longo da sua história, a rádio procurou sempre a exploração máxima da interactividade. Os fragmentos da teoria da rádio que se conhecem de Bertold Brecht dizem que a rádio só se cumpriria quando destinatário da informação, o ouvinte, fosse também produtor da informação. Nos anos 30, quando

se começou a discutir a Emissora Nacional, dizia-se que a rádio podia ser o instrumento mais democrático do mundo, por ser um instrumento de educação das pessoas e por chegar a todo o lado.

Na perspectiva de Brecht, a comunicação radiofónica deveria ser enriquecida com a contribuição dos ouvintes, sendo importante que esta relacione diferentes tipos de vozes que reflectem a variedade e as diferenças entre produtores e consumidores de comunicação.

Os programas de antena aberta fazem uso da ubiquidade da comunicação radiofónica e apresentam-se como componentes incontornáveis da programação, ou enquanto elementos de outros programas. Reflectem a forma mais habitual dos ouvintes participarem na construção da programação, através da sua opinião, ou pela partilha de ideias e experiências pessoais.

As formas de participação dos ouvintes não se ficam por este esquema dos programas de antena aberta. Cada vez mais as estações procuram implicar os ouvintes na sua comunicação, através do telefone e de mensagens enviadas através da Internet, apresen-

tando posteriormente a música mais pedida, gravações de ouvintes que elegem “aquela” como a melhor estação, pequenas participações em directo para apresentarem temas da lista de músicas do top da estação ou ainda, através dos inúmeros passatempos que dependem dos ouvintes para resultarem. O telefone foi desde sempre o grande aliado da rádio, mas hoje, a Internet permite a comunicação em tempo real entre os ouvintes e as estações de rádio, ultrapassando-o enquanto ferramenta de comunicação.

Na Internet, a rádio encontrou novas formas de interagir com a audiência e de a fazer participar. Por correio electrónico, através de salas de conversação, comentários nos blogues e dos fóruns de discussão, a audiência pode participar de forma escrita e de forma mais directa, via telefone ou através dum microfone instalado no computador. Usando o correio electrónico, os fóruns, os blogues e as salas de conversação, o ouvinte cria um paralelo à emissão sonora, através de uma componente escrita e visual que vem transformar a estrutura discursiva da rádio.

Os media, através deste tipo de programas e de outras formas de participação têm contribuído para a passagem da rádio para um modelo dialógico de comunicação, que ultrapassa o sistema de recepção passiva que durante anos dominou a comunicação radiofónica. Talvez por isso, estes programas têm vindo a criar um grupo de participantes assíduos, que usam a rádio como um meio para se ouvirem e fazerem ouvir, expressando ideias e sentimentos. Porque a intervenção é desenvolvida totalmente pelos ouvintes, a rádio aproxima-se de um meio de comunicação que recebe e transmite, envolve os ouvintes e os liga entre si, na produção da comunicação.

Apesar dos programas de antena aberta de carácter expressivo se basearem num princípio que procura o equilíbrio de poder entre os participantes, devemos sempre considerar o facto de que os ouvintes executam a sua capacidade discursiva, numa situação que lhes é proporcionada pela emissora, em função de uma temática pré-determinada e que obedece a certas regras, definidas pela estação que convida a essa participação. Mesmo assim, a rádio consegue ultrapassar os restantes media nacionais, fazendo valer o princípio igualitário da opinião por permitir que convidados e ouvintes troquem ideias entre si.

A participação dos ouvintes revela a função emotiva e passional da prática radiofónica e depende do programa e objectivos da estação. Crisell (1994) distingue três tipos de programas de antena aberta, partindo do princípio de que os formatos se interpenetram, em função do que o programa quer produzir. Assim, encontramos “the exhibitionist phone-in”, um esquema no qual o ouvinte é encorajado a projectar a sua personalidade e a enriquecer o programa com anedotas, cantigas ou histórias pessoais. Outro género, “the confessional phone-ins”, resulta num programa em que o apresentador se assume como conselheiro, para ouvintes que relatam os seus problemas e anseios pessoais. O terceiro formato delineado por Crisell é “the expressive phone-in”, um tipo de programa que procura a expressão de pontos de vista privados sobre assuntos públicos.

Em Portugal, há algumas experiências de programas num clima mais intimista, mas a receita parece funcionar melhor para o estilo de programas que estabelecem a ligação entre o domínio público e o privado e permitem a expressão das vozes dissidentes, que dessa forma conseguem dar o seu contributo

sobre assuntos públicos. O caso em análise neste artigo, o programa “Prova Oral”, pelo seu horário e audiência específica, está enquadrado neste género, sem contudo, ter um carácter jornalístico ou estar dependente da actualidade noticiosa. Está integrado na programação diária da Antena 3, o canal jovem do operador público de radiodifusão, uma estação que se caracteriza por promover o serviço público de rádio, particularmente ao nível musical.

A Antena 3 assume-se como uma estação de rádio jovem, sem compromissos com as leis do mercado publicitário e com um carácter efectivamente nacional. É um facto que a Antena 3 cumpre parte das suas funções, assentando numa programação de divulgação musical. A grelha de programas aposta na música nova e incide especialmente sobre música portuguesa, posicionando-se no mercado da rádio como uma estação dirigida a um público jovem-adulto e com forte carácter nacional. A estrutura de programação destaca-se pela sua abrangência e por programas que as suas mais directas concorrentes não apresentam. Durante a semana, o horário nobre da manhã e do fim de tarde está ocupado com programas distintos que fogem à lógica da *playlist* contínua e se dedicam a explorar uma comunicação mais próxima do ouvinte. Os programas de autor seguem uma lógica horária e de alternativa aos espaços de *playlist* a que alguns horários da programação estão sujeitos, servindo públicos minoritários.

O caso em análise integra a programação diária do canal jovem do operador público de rádio português desde há dois anos, no horário 18 – 19 horas, e procura, acima de tudo, assumir-se como um espaço de debate e interactividade que desconstrói os assun-

tos em discussão, relativos ao tema escolhido para cada emissão. Nas palavras do responsável do programa, a “Prova Oral procura sobretudo entreter. Há obviamente uma componente de formação e informação no programa, sem esquecer que os assuntos podem ter uma abordagem divertida”¹.

O público-alvo da estação e o horário do programa satisfazem esta lógica despreocupada de tratar os temas, fazendo assim “a distinção entre este, e os restantes fóruns” na rádio nacional. Há, em muitos dias, uma tentativa de fuga à realidade, sem contudo, o programa estar “alheado da realidade ou dos problemas que afectam a juventude”². O essencial para caracterizar os objectivos do Prova Oral diz respeito à forma como, através de temas mais ligeiros, do entretenimento e das conversas divertidas, se conseguem focar as problemáticas do quotidiano dos jovens e do mundo, acompanhando aqueles que, no carro, regressam a casa. Esta abordagem é, contudo, tanto o seu valor, como a sua fragilidade. “A forma despreocupada que pode ser criticada pode também ser francamente elogiada, num programa de rádio que diverte as pessoas e tenta recriar o ambiente de conversa que habitualmente se estabelece num grupo de amigos”³. A variedade de temas do programa reflecte este objectivo, a liberdade e a abrangência da estação. O processo de escolha depende da equipa de produção e realização do programa que, em reunião semanal, faz a planificação dos temas de cada dia para preparação dos conteúdos do programa e procede

¹ ALVIM, Fernando, Antena 3

² ALVIM, Fernando, Antena 3

³ ALVIM, Fernando, Antena 3

à escolha dos convidados de cada edição do Prova Oral.

Relativamente à caracterização dos participantes, não existe um registo das participações que ofereça uma base de dados concreta, mas uma escuta atenta deixa perceber que as idades vão dos vinte aos trinta anos e que a percentagem maior de participações é masculina, tal como nos restantes programas de antena aberta. “Independentemente do tema, poucos são os temas que estimulam a participação das mulheres, mesmo aqueles que no nosso entender, poderiam provocar um debate mais feminino”. A equipa tem tentado promover a participação feminina, mas até agora, não têm conseguido grandes resultados, pois “há um deficit de participação feminina que, para nós, é preocupante e quase incompreensível”, facto que se estende aos restantes programas de antena aberta em Portugal e que tenta ser contrariado com a iniciativa da TSF, o programa diário Fórum Mulher.

O Prova Oral programa estende-se para a Internet não só através da emissão online da estação, como através de um blogue, um “espaço que funciona como catalizador de todas as opiniões”⁴, mesmo as que não conseguiram estabelecer contacto telefonicamente e as que ficaram de fora por impossibilidade de escuta do programa no momento da sua emissão. Pretende-se que “seja também um arquivo, para que qualquer pessoa possa consultar a acompanhar os temas e opiniões veiculadas no programa”⁵.

A avaliar pela inexistência de outros programas do género nas estações privadas dirigidas aos jovens, a conclusão que se pode

retirar deste facto e da análise do programa em questão é a de que se confirmam as tendências de superficialização da comunicação e a ausência de políticas de educação para os media. Parte do tempo dos jovens é passado fora da escola, em contacto directo com a realidade ou num contacto mediado com essa mesma realidade, através dos media e dos dispositivos modernos de comunicação. Esta formação mosaico a que os jovens são naturalmente submetidos deve ser objecto de atenção e análise para organizar uma estratégia de formação e educação que contemple todos estes aspectos, estabelecendo uma ligação entre a escola e os meios de comunicação social, e desenvolvendo instrumentos de ensino que se sirvam dos dispositivos modernos e ajudem a produzir uma leitura crítica dos media e da construção das mensagens, fomentando igualmente, a capacidade crítica de produção, para, tal como Brecht advogava, criar uma rádio difusora e produtora de informação.

⁴ ALVIM, Fernando, Antena 3

⁵ ALVIM, Fernando, Antena 3